



X COLÓQUIO INTERNACIONAL

"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

DO EDUCANDÁRIO AO GINÁSIO: AS PRIMEIRAS DÉCADAS DO COLÉGIO DO SALVADOR - (1935-1959)

FRANCE ROBERTSON PEREIRA DA SILVA

RISIA RODRIGUES

MARLUCE DE SOUZA LOPES

EIXO: 18. FORMAÇÃO DE PROFESSORES. MEMÓRIA E NARRATIVAS

RESUMO A educação brasileira, entre as décadas de 1930 a 1940, passou por várias transformações, a exemplo da expansão do ensino primário e ginásial, associado à ampliação das escolas privadas. Nesse contexto, foi fundado o Colégio do Salvador, instituição de ensino primário, administrado por mulheres que desenvolveram processos educativos baseados na fé que professavam. Este trabalho teve como objetivo analisar o processo de criação e o funcionamento dos primeiros vinte e quatro anos desse colégio, localizado na cidade de Aracaju-SE. A nossa pesquisa inicia-se no ano de 1935, data da sua fundação, até 1959, quando o Colégio passa a oferecer o curso ginásial. Para a realização desta investigação utilizamos jornais e revistas da época; fontes e arquivos existentes no Colégio; entrevistas; fotografias; cadernetas, entre outros, além de pesquisa bibliográfica. Palavras chave: Colégio do Salvador. Cultura Escolar. História da Educação. Memórias. **ABSTRACT** The brazilian education, between the decades from 1930 to 1940, experieced several transformations, for example the expansion of elementary school and high school, associated with the expansion of private schools. In this context, the School of the Savior was founded, elementary teaching institution administered by women, who developed educational processes based on their faith. This research aimed to analyze the process of foundation and operation of the first twenty-four years of the school, located in the city of Aracaju-Sergipe. The our research starts in 1935, when the School of the Savior was founded, until 1959, when the institution offers the secondary education in its first class. For this research was used: newspapers and magazines of the time; sources and archives of the school; interviews; photographs; record books among others, and also bibliographic research. Keywords: School of the Savior. School Culture. History of Education. Memories.

INTRODUÇÃO

Este trabalho foi o resultado de pesquisa educacional, orientado pela Profa. Dra. Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas. Teve como objetivo investigar e analisar o processo de criação e o funcionamento dos primeiros vinte e quatro anos do Colégio do Salvador, localizado na cidade de Aracaju/SE. Priorizamos dar enfoque à Cultura Escolar e à Cultura Material Escolar, elementos importantes para esta pesquisa investigativa, pois, norteou os caminhos que seriam percorridos pelo Colégio do Salvador em 1935 a 1959.

A importância desse estudo reside no fato de que do Colégio do Salvador, em Aracaju/SE, foi um dos pioneiros em oferecer ensino privado

e leigo, porém, suas fundadoras, que confessavam a fé católica inseriam no processo de ensino e aprendizagem os preceitos da religião, com todos os ritos e festas, obedecendo, inclusive, o calendário litúrgico apresentado pelo catolicismo.

Abordar o tema da criação e funcionamento do Colégio Salvador durante os seus primeiros vinte quatro anos foi uma tarefa que demandou a consulta e análise de um volume expressivo de documentos. Assim, tivemos que enfrentar três desafios. Primeiro: a numerosa documentação, alguns razoavelmente conservados, outros desgastados pelo tempo; segundo, pelo depoimento prestado pelos atores que são em sua maioria nascidos entre as décadas de 1930 e 1940 e como há de se entender existem os lapsos de memória; em terceiro, pela quantidade mínima de material bibliográfico que trata do tema, haja vista que as práticas escolares desenvolvidas na escola privada não têm despertado grande interesse nas discussões acadêmicas.

Despertou-nos o interesse em investigar o Colégio Salvador pela sua longevidade, pouco comum em escolas privadas, registrando-se que no ano de 2015, completou oitenta anos de atividades ininterruptas, somando-se a isso, o fato de que grande parte de sua clientela foi de segmentos mais abastados da sociedade sergipana, refletindo a religiosidade de seu corpo diretivo e das práticas religiosas desenvolvidas no Colégio, observando-se que os educadores também são orientados neste sentido. Outro aspecto a ser analisado está relacionado ao fato de que a maioria dos seus egressos foi e são membros com certo destaque na sociedade. Assim, é o que se pode observar quando se estuda a biografia de grande parte dos médicos, advogados, engenheiros, professores e outros profissionais de nível superior, não esquecendo que grande parte da classe política sergipana é oriunda do Colégio Salvador. Apesar desse histórico, existem relatos de ex-alunos com algum tipo de ressentimento das práticas pedagógicas adotadas no Colégio, ou mesmo, ao papel inflexível desempenhado por seu corpo diretivo e de alguns professores.

A nossa pesquisa foi focada no uso de uma revisão bibliográfica voltada para a História da Educação, além da utilização de jornais e revistas sergipanas da época, fontes, arquivos, cadernetas, vasta documentação fotográfica existente no colégio, depoimentos de ex-alunos, ex-professores e equipe diretiva do colégio, entre outras fontes que surgiram ao longo da pesquisa. Entrevistamos também a atual diretora Maria Angélica Galvão, Dona Mariá como é conhecida, ex-professores, ex-alunos, além da entrevista concedida pela Professora Bernadete Galvão, no ano de 1995 a Claudia Quaranta Lobão.

Para análise das fontes coletadas nos arquivos da Instituição pesquisada, no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, na Diretoria de Educação do Estado de Sergipe e nos documentos fornecidos por alguns entrevistados; selecionamos como conceitos principais: História e Memória (LE GOFF, 2003; BOSI, 2013); Memória Coletiva (HALBWACHS, 2006) e Cultura Escolar (JULIA, 2001).

Procurou-se reconstruir a história desse colégio com o intuito de mostrar à sua importância histórica para a sociedade sergipana. Colégio que ultrapassou décadas e, ao completar oitenta anos em 2015, é modelo de escola particular que se projetou e se projeta, no Estado, na formação de diferentes gerações de sergipanos.

1.1 – HISTÓRIA, MEMÓRIA E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

História e Memória são conceitos que andam na maioria das vezes de forma bem entrelaçados. Estudar história passa obrigatoriamente pelo domínio dos conceitos de memória, pois, a maioria dos registros escavados pela história são vestígios deixados pelas memórias.

Le Goff oferece a seguinte elucidação:

No estudo histórico da memória histórica é necessário dar uma importância especial às diferenças entre as sociedades de memória essencialmente escrita, como também às fases de transição da oralidade à escrita [...] (2003, p. 423).

Halbwachs, em seu trabalho intitulado “Memória Coletiva”, questiona a impossibilidade da concepção do problema da recordação e da localização das lembranças, sem tomar como ponto de referência os contextos sociais reais, a reconstrução do que é chamada de memória, assim reflete sobre a história:

A história não é todo passado e também não é tudo o que resta do passado, ou, por assim dizer, ao lado de uma história escrita há uma história viva, que se perpetua ou se renova através do tempo, na qual se pode encontrar novamente um grande número dessas correntes antigas que desaparecem apenas em aparência. (2006, p. 86).

Como afirmamos anteriormente, história e memória se entrelaçam. Nesse sentido:

O conceito de memória é crucial [...] A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (LE GOFF. 2003 p. 419).

É com esse conceito de memória que Jacques Le Goff introduz seu ensaio, também intitulado “Memória” (2003), onde o autor faz uma análise detalhada sobre: memória étnica, o desenvolvimento da memória, a memória medieval no ocidente, os progressos da memória escrita e figurada, os desenvolvimentos contemporâneos da memória, concluindo seu trabalho com o valor da memória.

Ecléa Bosi (2013) colige que a memória traduzida em palavras e que transmite uma experiência vivida tem interesse enorme para o psicólogo. Através dela, ele pode ter acesso aos momentos de “antigamente”, que permanecem, mesmo que sem deles se tome consciência, como motivos para o comportamento presente.

Podemos ainda inferir do pensamento de Halbwachs (2006), uma distinção entre a história e a memória a qual está no fato de que a história trabalha com o acontecimento colocado para e pela sociedade, enquanto para a memória o principal é a reação que o fato causa no indivíduo. A memória recupera o que está submerso, seja do indivíduo, seja do grupo, e a história trabalha com o que a sociedade trouxe a público.

Para nós, a memória e a história do Colégio do Salvador merecem ser investigadas no sentido de elucidar como as práticas escolares desenvolvidas, as premiações, as festividades, os castigos pelas transgressões ali experienciadas foram concebidas, e de que forma, isso, reflete no sentimento e na vontade dos pais e avós em que, na maioria das vezes, desejarem que seus filhos e netos possam passar por experiências semelhantes as que tiveram quando foram alunos do Colégio Salvador.

É interessante perceber que alguns alunos do Colégio tornaram-se professores ou até mesmo funcionários da instituição e não é raro encontrar depoimentos emocionados pelas sensações vivenciadas, pelo progresso alcançado em suas vidas profissionais, e pelas boas recordações, mesmo quando tratam de castigos ou pelo fato de repetir inúmeras vezes as lições de gramática mal assimilada, os cálculos aritméticos pouco compreendidos, ou até os conselhos e orientações consecutivamente rígidas de suas professoras diretoras.

1.2 – A AÇÃO EDUCACIONAL DA IGREJA CATÓLICA EM ARACAJU E EM SERGIPE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

No Estado de Sergipe como no restante do Brasil, a Igreja Católica, entre os séculos XIX e XX, disseminou de forma mais intensificada seus preceitos e sua influência religiosa nos diversos campos da sociedade. Na educação, a Igreja disseminou sua influência através dos diversos estabelecimentos escolares fundados em vários municípios do interior e principalmente na capital. Além de pregar a fé Católica tinha outro objetivo: barrar a influência Protestante que dava seus primeiros passos na sociedade brasileira e sergipana. Sobre esse momento histórico, Cruz e França destacam que:

Para evitar a influência das ideias protestantes que vinham surgindo e ganhando terreno no Brasil e em Sergipe, bem como contribuir para a formação dos jovens das classes dominantes, a Igreja Católica procurava, por via do ensino, moldar consciências e retomar o poder, criando colégios religiosos, muito deles funcionando com internato. É neste cenário que surgem colégios religiosos, em sua maioria absoluta, em capitais e cidades mais importantes dos Estados brasileiros e em Sergipe. (2011, p. 84).

Sousa, em sua obra que trata da presença da Igreja Católica no sesquicentenário de fundação de Aracaju, indicou que:

Ao lado de sua missão específica de esclarecer as inteligências com as verdades, originárias da palavra de Deus, reveladas e dirigidas aos homens, a Igreja Católica nunca se descuidou da formação intelectual dos fiéis, fundando escolas ao lado das igrejas paroquiais. (2006, p.41).

As moças da elite sergipana também estiveram bem contempladas pelas escolas privadas confessionais, especialmente àquelas

administradas por Congregações de Freiras, vindas principalmente da Europa.

Outra instituição responsável pela educação das jovens da elite sergipana foi o Colégio Nossa Senhora de Lourdes, fundado em 1903, em Aracaju, pelas Irmãs Sacramentinas com sede em Valence (França) que aceitava alunas internas, semi-internas e externas. Em 1923, através de terreno doado pela Prefeitura, e da construção do prédio a partir da ação do presidente do Estado, Graccho Cardoso, o Colégio passou a possuir sede própria, onde funcionou até 1973. (FREITAS, 2003, p. 41).

As principais cidades do interior do Estado como Propriá, Capela, Estância e Lagarto, nas primeiras quatro décadas do século XX, também tiveram suas escolas confessionais. Um claro desejo de expansão e influência da Igreja Católica na Educação através das Congregações Femininas, como também, a necessidade de ocupar um filão pouco explorado nas cidades interioranas, que eram as escolas privadas.

A forte presença da Igreja Católica na educação sergipana não ficou resumida a expansão dos colégios confessionais dirigidos por padres ou freiras, estendeu-se também ao ensino superior com a criação das Faculdades de Filosofia e Serviço Social, na primeira metade do século XX, ambas em Aracaju. Além disso, instituiu em 1918 o Jornal “A Cruzada”, grande instrumento de divulgação das ações educativas das Instituições Católicas (confessionais ou leigas) e poderosa “arma para levar ao mundo operário a Doutrina Social da Igreja”. (SOUSA, 2006, p. 46).

O prestígio que detinham os sacerdotes sergipanos foi significativo para incentivar também a criação de colégios sob a administração da iniciativa privada que professavam a fé católica. Os casos mais marcantes foram o Colégio Jackson de Figueiredo, administrado pelo casal Benedito de Oliveira e de sua esposa Judite Rocha de Oliveira e o Colégio do Salvador administrado pelas irmãs Galvão, ambos localizados em Aracaju/Sergipe.

1.3 – A EDUCAÇÃO EM ARACAJU NO COMEÇO DO SÉCULO XX

No início do século passado, a educação no Brasil passava por significativas transformações que visavam atender as necessidades de um país que vislumbrava acompanhar a modernidade europeia e norte-americana. O processo educativo brasileiro pretendia acompanhar a recente industrialização e para isso a difusão da escolarização seria o meio mais indicado na busca dessa atualização.

Mesmo de forma, ainda que incipiente, os meninos das classes mais favorecidas já eram melhores contemplados com espaços escolares que as meninas. A educação daquele período estava voltada para as classes mais abastadas.

O sistema educacional formal para o sexo feminino chegava de forma tardia e tímida, assim mesmo, contemplando as meninas dos segmentos sociais mais favorecidos. As meninas pobres e órfãs estavam relegadas às tarefas domésticas e ao trabalho braçal, conforme indicação de Louro:

No entanto, não se pode esquecer que, de um modo geral, as meninas das camadas populares estavam, desde muito cedo, envolvidas nas tarefas domésticas, no trabalho da roça, no cuidado dos irmãos menores, e que essas atribuições tinham prioridade sobre qualquer forma de educação escolarizada para elas. (2010, p. 445).

A Educação feminina era na maioria das vezes voltada para atender, de forma subordinada ao marido e ser boa mãe para os seus filhos. A mulher para ser respeitada precisava apresentar grandes virtudes, que para o pensamento da época era traduzido como recato, submissão e grande dose de modéstia.

As primeiras vozes femininas que reivindicavam espaço para educação das mulheres, nos meados do século XIX, no Brasil, não eram bem vistas perante a sociedade da época.

Nísia Floresta, uma voz feminina revolucionária, denunciava a condição de submetimento em que viviam as mulheres no Brasil e reivindicava sua emancipação, elegendo a educação como o instrumento através do qual essa meta seria alcançada. (LOURO 2010, p. 441).

Em Sergipe as meninas desvalidas, órfãs e pertencentes às classes subalternas eram acolhidas em orfanatos, como atesta Josineide Siqueira

de Santana (2011), quando lembra que: “evidentemente algumas meninas foram instruídas, mas não podemos negar que seus currículos estavam cheios de disciplinas como: cuidados com o lar, corte e costura, bordado; enfim eram preparadas para o lar”.

Quanto às moças, oriundas das classes mais favorecidas, estas iam estudar nas instituições privadas criadas para oferecer ensino misto ou apenas para o sexo feminino, como as citadas por Freitas (2003): Colégio Nossa Senhora Sant’Anna, Colégio Nossa Senhora de Lourdes, o Educandário Fundado pela Professora Norma Reis; Colégio Nossa Senhora das Graças em Propriá/SE, Colégio Imaculada Conceição em Capela/SE.

Era de praxe que famílias compostas por professoras em sua maioria, criassem pequenas escolas, muitas vezes na própria residência, com objetivo de oferecer o ensino primário e a preparação dos alunos para o exame de admissão ao ginásio.

As probabilidades de moças sergipanas enveredarem para o mercado de trabalho, no início do século XX, resumiam-se praticamente às categorias profissionais, que naquele momento, despertavam pouco interesse ao sexo masculino, ou seja, a educação das primeiras letras.

Nesse contexto, relacionava-se a profissão de professora primária, uma das raras atividades que as mulheres iriam exercer sem a concorrência masculina. A formação pedagógica ficava ao encargo da Escola Normal, uma das Instituições que preparava as mulheres para o mercado de trabalho.

As possibilidades educacionais femininas em Aracaju, a partir de 1920, estavam vinculadas às seguintes instituições: à Escola Normal Rui Barbosa, aos colégios particulares, à Escola de Comércio Conselheiro Orlando e ao Colégio Atheneu. (FREITAS, 2003, p. 32).

2 – FUNDAÇÃO E TRAJETÓRIA DO COLÉGIO DO SALVADOR

Em uma conjuntura onde as mulheres ocupavam poucos espaços na vida pública e privada, em que eram apenas preparadas para assumir as tarefas domésticas, a cidade vivenciando um ambiente diverso de efervescência política e econômica, a educação tentava se afirmar como política de Estado. Nesse contexto, em 1934 a então recém-formada no Curso Pedagógico pelo Colégio São Salvador, em Salvador, na Bahia, Zilda Galrão Leite, deu início as atividades docentes como professora particular de alguns jovens e crianças em um pequeno espaço de sua residência na Rua São Cristóvão em Aracaju/Se, ao que hoje se pode comparar às bancas escolares.

A fundadora do Colégio do Salvador era uma das filhas mais velhas do casal José Leite e D. Anízia Galrão que no início dos anos de 1930, saíram com a maioria dos seus filhos, da cidade de Jacuípe, no interior da Bahia, devido a uma catástrofe ocorrida com o rio que cortava a cidade que afetou seu pequeno armazém, vindo mais tarde se estabelecer em Aracaju com objetivo de recuperar sua vida financeira.

Dona Mariá, como é conhecida a Professora e atual Diretora do Colégio do Salvador Maria Angélica Galrão Leite, ao referir-se aos seus pais, demonstrou no momento da entrevista uma reação de grande emotividade:

Meus pais eram muito bem casados, muito felizes, graças a Deus; receberam os filhos com muito prazer. Meu pai era comerciante, tinha uma empresa mais ou menos desenvolvida; minha mãe, dona de casa, suaram para criar doze filhos. Exigentes, exigentes e muito exigentes na educação e na vida particular, quando crescerem. (LEITE, M. 2015).

Por ser uma família católica e com bom relacionamento com os membros da Igreja da cidade baiana, mantinham uma boa amizade com o vigário Frei Pascázio Pitok, franciscano de origem polonesa, que ao se transferir para Aracaju, convidou o amigo José Leite, que passava pelas dificuldades financeiras já relatadas, a trabalhar aqui como gerente do Matadouro Modelo, de propriedade do Coronel Antonio Franco, convite prontamente aceito, trazendo parte de sua família para esta cidade (FIGUEIREDO, 2005).

É importante destacar que o senhor José Leite, o patriarca dos Galrão, foi bastante eficiente em, a partir da amizade com Frei Pascázio, ampliar os contatos com personagens importantes do cenário aracajuano. Com o apoio de membros da Igreja e de figuras do meio político e empresarial conseguiu assegurar, após a sua morte, uma rede de sociabilidade que contribuiu fundamentalmente para a proteção das herdeiras e para o sucesso do negócio familiar.

Zilda, por insistência dos pais veio para Aracaju juntar-se a família e aos outros irmãos, com objetivo de contribuir para o orçamento doméstico da família e aproveitando o fato de que existiam poucos estabelecimentos de ensino em Aracaju, resolveu dar aulas particulares. Incentivada pela sua mãe e satisfeita com os resultados obtidos por seus alunos, Zilda Galrão abriu um colégio início do ano de 1935. Esse estabelecimento localizava-se na Rua São Cristóvão, número 31, anexo à residência da família Galrão Leite. Atribuiu o nome de Colégio do Salvador para homenagear o estabelecimento escolar baiano Colégio São Salvador, onde acabara de fazer o Pedagógico, após obter aprovação dos proprietários daquele colégio. (FIGUEIREDO, 2005).

Diante dos resultados da primeira turma do Colégio, estes renderam bons frutos, que segundo Dona Mariá, no ano seguinte, a matrícula dos alunos deste colégio, após sua abertura, mais do que dobrou, foi para 35, obrigando a professora ampliar o espaço, ocupando desta feita, a sala de visitas da casa. Para atender a necessidade de alguns alunos oriundos do interior do Estado, foi adotado o regime de pequeno internato misto para dez vagas, tendo como um dos primeiros internos Carlos Henrique de Melo e Augusto do Prado Leite

A dificuldade em administrar o educandário praticamente sozinha, não foi motivo de desestímulo para a professora Zilda que teve ajuda das suas duas irmãs ainda bastante jovens, Bernadete com 15 anos e Mariá com 12 anos de idade.

Maria Bernadete Galrão Leite chegou ao Colégio recém-formada pela Escola Normal Rui Barbosa, logo depois foi a vez da outra irmã Nadir Galrão de Oliveira, então professora do Colégio Jackson de Figueiredo, reintegrar-se ao grupo de professoras da família.

A ampliação do número de vagas fez com que o Colégio instalado na Rua São Cristóvão, fosse transferido para a Travessa José de Faro, embora essa permanência fosse efêmera, porque, logo depois, com mais de uma centena de alunos, o Colégio passou a funcionar na Av. Ivo do Prado no número 182. A nova sede do Colégio foi um prédio alugado, no ano 1942, a Fundação Beneficente Hospital Santa Izabel.

No início da década de 1940, a professora Zilda Galrão Leite que já havia manifestado intenção em ingressar na vida religiosa, se desligou do Colégio indo residir na Cidade de Campinas, em São Paulo, ingressando no Instituto das Missionárias de Jesus Crucificado, passando a ser denominada de Irmã Zilda. Anos mais tarde a Irmã Zilda prestou vestibular para Serviço Social no Estado da Paraíba indo residir naquele Estado, posteriormente foi transferida para Maceió/AL, fundando no Estado de Alagoas a Faculdade de Serviço Social.

Outros afastamentos foram significativos: Nadir Galrão de Oliveira foi residir na cidade de Salvador/BA, ficando o Colégio sob a direção das irmãs Maria Angélica e Maria Bernadete, adolescentes com 15 e 18 anos respectivamente, levando aos pais dos alunos a não acreditarem no trabalho desenvolvido por pessoas tão jovens, provocando assim uma significativa evasão do Colégio. (Informativo Salvador, 1996).

A superação da fase mais difícil para suas professoras administradoras deu-se posteriormente com a aprovação de alguns dos seus alunos em diversos exames de admissão, obrigatórios em colégios públicos à época, por isso, vários alunos que haviam deixado o colégio voltaram para se matricular. Era uma nova fase na história do Colégio quando o número alunos de matriculados aproximava-se aos tempos em que era dirigido por Nadir e Zilda. Para dar conta de tantas atividades, somaram-se às integrantes remanescentes as irmãs Maria Amanda Leite França e Maria Isabel Galrão de Oliveira.

O ano de 1959 foi importante para o Colégio, que inicialmente só oferecia o ensino primário, os pais dos alunos insistiam que suas proprietárias passassem a oferecer o curso ginásial para que seus filhos tivessem a continuidade de ensino que logravam tanto êxito. Dentre um desses pais destacava-se Dr. Otílio Aragão, então Inspetor do Ministério da Educação em Sergipe, como também autoridades religiosas, a exemplo D. Távora, Bispo Diocesano, se uniram as pessoas que incentivaram a ampliação dos níveis escolares oferecidos. (INFORMATIVO SALVADOR, 1996. p.3).

A partir de 1959, o Colégio deixou de ser exclusivamente tributário para as demais Instituições que ofereciam o Ginásio e passou também a oferecer essa nova modalidade para os alunos das séries anteriores. Nesse período, vários professores que gozavam prestígio e destaque no meio escolar foram convidados a lecionar no Colégio, e entre eles: a Professora Olga Barreto (hoje atuando em eventos artísticas e culturais); o Professor João Costa (durante muito anos Professor da Universidade Federal de Sergipe, falecido); o Padre Claudionor; a Professora Maria Silvia Sobral; como também os egressos do colégio Professor José Alexandre Diniz e a Professora Diana Diniz.

O Colégio mesmo não sendo confessional, desde a sua fundação, seguiu uma tradição pedagógica que obedece aos preceitos religiosos fundamentados na religião católica, aos mesmos moldes e rigor das escolas confessionais. Os pais ao matricularem seus filhos, estão cientes da orientação religiosa seguida pelo Colégio e os professores respeitam às normas ali vigentes.

Apesar da modernidade arquitetônica da nova sede e do uso das novas tecnologias de informação e comunicação, o Colégio mantém seu padrão tradicional de ensino, aliando, segundo sua diretoria, novas propostas na área educacional sem desprezar seu caráter religioso, moral e cívico. A exemplo das festas religiosas católicas, destacam-se: a Coroação de Nossa Senhora, no mês de maio, o mês do Rosário, a celebração da 1ª Eucaristia, a administração do sacramento do Crisma, entre outros.

CONCLUSÃO

O material coletado, somado as outras fontes, nos deu subsídio para que pudéssemos comprovar as hipóteses investigadas sobre as práticas educativas adotadas no Colégio do Salvador, os resultados obtidos que foram importantes para a sobrevivência da escola, o desenvolvimento e a formação dos alunos lá matriculados, em seus diversos aspectos.

Compreendemos que desde a sua fundação, o propósito de Zilda Galvão era criar um estabelecimento de ensino que tivesse as mesmas características do Colégio onde ela concluiu o Pedagógico e com essa finalidade atribuiu um nome homônimo do colégio baiano, ou seja, Colégio do Salvador, com os mesmos preceitos religiosos, morais e cívicos. Essa iniciativa foi levada adiante por suas irmãs mais jovens que a sucederam e tiveram a coragem de conduzir o investimento com grande habilidade, apesar de todos os percalços relatados pela família.

O empreendimento criado e administrado por mulheres da mesma família, conforme determinação oficializada em ata de criação, na primeira metade do século XX estaria fadado ao descrédito ou a falência não fosse à qualidade do ensino oferecido, somado à ação de membros muito influentes da sociedade, como os empresários que ajudaram a adquirir as casas germinadas na década de 1940, e outras pessoas importantes que apoiaram o andamento das atividades da instituição como o médico Carlos Melo, Napoleão Dórea e políticos influentes a exemplo dos ex-governadores Leandro Maciel e Seixas Dória, presentes nas solenidades do colégio, de acordo com os registros fotográficos e outras fontes encontradas, no qual, consolidou-se, naturalmente o fortalecimento dos vínculos com o Estado. Destaque principalmente para os representantes do clero sergipano que agindo em favor do Colégio, atingiam o objetivo de difundir e ampliar a fé Católica, em um momento de declínio da influência católica no ensino público.

Nas falas de Dona Mariá, são expostos os fortes laços que a Família Galvão mantinha com os elementos mais influentes da Igreja Católica em Sergipe. Esse é um componente facilitador para que padres, freiras e bispos de diversas Paróquias do Estado estivessem presentes nas Comemorações Religiosas promovidas pelo Colégio, assim como, atuando como membros de órgãos representativos criados no Colégio a exemplo do Padre João de Deus, clérigo muito atuante no período.

Para comprovação dessa assertiva observamos também nas fotografias digitalizadas a presença nas comemorações do Colégio os Bispos Dom Fernando Gomes, Dom José Vicente Távora, Dom Avelar Brandão Vilela, o Padre Luciano Cabral Duarte, atual Bispo Emérito de Aracaju, Padre Zezinho Cardoso e o Missionário Frei Damião. Dona Mariá reforça seu pensamento com três referências muito nítidas: a religião, a disciplina e a língua, como elementos que mantiveram sólida a estrutura do Colégio que funciona desde o início da década de 1930.

Podemos aferir, pelos depoimentos, que os métodos de ensino lá aplicados, somados as normas rígidas, a reverência ao civismo e principalmente o respeito e veneração à fé Católica foram instrumentos bem utilizados para que a maioria dos egressos mantivessem posições de prestígio e a posição social herdada de suas famílias.

Apuramos que o Colégio também acolheu alunos bolsistas, originários de famílias menos favorecidas e afrodescendentes, que também, em grande parte dos casos, se destacaram na vida pública e privada. É digno de nota que houve matrículas de elementos não católicos nos quadros do Colégio, apesar de não participar das cerimônias religiosas, foram igualmente bem recebidos, segundo declaração de dona Mariá.

A religiosidade, o civismo e os preceitos morais sempre estiveram presentes nas práticas cotidianas do Colégio e perpetuada nas diversas logomarcas adotadas desde a sua criação. A figura de Jesus Cristo de braços abertos e logo abaixo um desenho de livro onde está escrito Deus – Pátria. Este foi o grande lema que sempre impulsionou as atividades desenvolvidas no Salvador, como atestou a professora Maria Angélica - Dona Mariá.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de Psicologia Social. São Paulo. Ateliê Editorial, 2013. CRUZ, Maria Helena Santana; FRANÇA, Vera Lucia Alves. **Educação Feminina**: Memória e Trajetórias de Alunas do Colégio Sagrado Coração de Jesus em Estância-Sergipe (1950-1970). São Cristóvão. Editora UFS. 2011. FIGUEIREDO, Maria Bernadete G. de A. **As irmãs Galvão Leite**. Monografia apresentada como requisito parcial de avaliação da disciplina Tópicos Especiais de Ensino. NPGED/UFS. São Cristóvão, 2005. FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Vestidas de azul e branco**: um estudo sobre as representações de ex-normalistas (1920-1950). São Cristóvão: FAP-SE, 2003. FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Educação, trabalho e ação política**: Sergipanas no Início do Século XX. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. 2003. HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo. Centauro Editora, 2006. JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. In: **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas: Editora Autores Associados, nº 1, Janeiro/Junho, 2001. (p. 9-43). LE GOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF, Jacques **História e Memória**. 5ª ed. Campinas. Editora da UNICAMP, 2003. (p. 419-476). LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na Sala de aula. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo. Editora Contexto, 2010. (p. 443 a 481). PIMENTEL, Carmen Regina de Carvalho. **Instruir e Educar**: Práticas de Formação no Colégio “Jackson de Figueiredo” (1938-1980). Dissertação de Mestrado. PPGED/UFS. 2014. SANTANA, Josineide Siqueira de. **Entre bordados, cadernos e orações**: a educação de meninas e as práticas educativas no orfanato de São Cristóvão e na Escola da Imaculada Conceição (1922-1969). Dissertação de Mestrado. NPGED/UFS. 2011. SILVA, France Robertson P. da. **Sob o manto da Imaculada, Sergipe se devota a Maria** – Séculos: XVI a XIX. Monografia para obtenção do grau de Licenciado em História pela Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão. 2001. SOUSA, Mons. José Carvalho de. **Presença Participativa da Igreja Católica na história dos 150 anos de Aracaju**. Gráfica Editora J. Andrade. Aracaju, 2006.

[1] Bacharelado e Licenciado em História pela UFS; Servidor Técnico Administrativo da UFS; Especialista em Gestão de Políticas Pública em Gênero e Raça; Mestrando em Educação pelo PPGED/UFS; membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação/PPGED/UFS. e-mail: frobertson51@gmail.com

[2] Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), especialista em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Estácio de Sergipe, graduada em Comunicação Social pela Universidade Tiradentes (UNIT) e integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação: Intelectuais da Educação, Instituições Educacionais e Práticas Escolares da Universidade Federal de Sergipe (UFS) E-mail: risiarodrigues@destaquenoticias.com.br

[3] Licenciada em Pedagogia; Especialista em Planejamento e Avaliação Educacional; Mestre em Educação pelo PPGED; Técnica em Assuntos Educacionais da Universidade Federal de Sergipe; membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação /PPGED/UFS. e-mail: marlucelopesbr@gmail.com

Recebido em: 06/08/2016

Aprovado em: 08/08/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: